

UMA DISCUSSÃO SOBRE A PAISAGEM CULTURAL SALINEIRA DA ILHA DE IGORONHON, MARANHÃO¹

A DISCUSSION ON THE SALINE CULTURAL LANDSCAPE OF IGORONHON ISLAND,
MARANHÃO

UNA DISCUSIÓN SOBRE EL PAISAJE CULTURAL SALINERO DE LA ISLA DE
IGORONHON, MARANHÃO

Jardel Stenio de Araujo Barbosa²

RESUMO: A paisagem cultural da Ilha de Igoronhon, situada no extremo oriental do Delta do Rio Parnaíba, é um testemunho da interação entre o ser humano e o ambiente ao longo do século XX, no contexto da produção salineira e da atividade portuária que marcaram esse período. Este artigo tem como objetivo analisar os conceitos de paisagem cultural e sua aplicação à Ilha de Igoronhon, categorizando-a como uma paisagem evolutiva relict, devido à permanência dos vestígios físicos da antiga atividade produtiva, do vínculo simbólico e identitário dos antigos salineiros com o território.

Palavras-chave: Paisagem. Paisagem cultural. Salinhas. Ilha de Igoronhon.

ABSTRACT: The cultural landscape of Igoronhon Island, located in the easternmost part of the Parnaíba River Delta, is a testament to the interaction between humans and the environment throughout the 20th century, in the context of salt production and port activities that shaped this period. This article aims to analyze the concepts of cultural landscape and their application to Igoronhon Island, categorizing it as a relict evolutionary landscape, due to the persistence of physical vestiges of the former productive activity, as well as the symbolic and identity-based connection of former salt workers with the territory.

1

Keywords: Landscape. Cultural landscape. Saltworks. Igoronhon Island.

RESUMEN: El paisaje cultural de la Isla de Igoronhon, situada en el extremo oriental del Delta del Río Parnaíba, es un testimonio de la interacción entre el ser humano y el entorno a lo largo del siglo XX, en el contexto de la producción salinera y la actividad portuaria que caracterizaron este período. Este artículo tiene como objetivo analizar los conceptos de paisaje cultural y su aplicación a la Isla de Igoronhon, categorizándola como un paisaje evolutivo relict, debido a la permanencia de los vestigios físicos de la antigua actividad productiva, así como al vínculo simbólico e identitario de los antiguos trabajadores de las salinas con el territorio.

Palabras clave: Paisaje. Paisaje cultural. Salinas. Isla de Igoronhon.

¹Este artigo é um recorte de uma pesquisa em desenvolvimento no âmbito da tese de doutorado do autor, vinculada ao Programa de Doutoramento em Patrimônio Tecnologia e Território, na especialidade Arqueologia, da Universidade Autônoma de Lisboa, Portugal.

²Doutorando em Patrimônio, Tecnologia e Território (Especialidade em Arqueologia) - Universidade Autónoma de Lisboa (UAL/PT). Membro do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra (CGEO) no programa de Territórios e Gestão Integrada de Paisagens, Mestre em Ciência e Tecnologia Marinha (Oceanografia e Recursos Marinhos) - UNEATLANTICO (Cantábrica, Espanha). Bacharel em Arqueologia e Especialista em Arqueología Náutica e Subaquática (IPT/PT). Pós-Graduado em Análise de Ambientes Aquáticos e Continentais (UNIARA). ID Ocean Unesco: 49373 | Nautical Archeology Register: 0761Ciência Vitae -FCT: <https://www.cienciavitae.pt//pt/B31A-9272-3141>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1184-9037>.

INTRODUÇÃO

A Ilha de Igoronhon, situada no delta do Rio Parnaíba, é um território que carrega consigo as marcas de um passado econômico salineiro que modificou a paisagem e as dinâmicas sociais da região. Durante o século XX, a atividade salineira foi o eixo central das transformações ocorridas na ilha, impulsionando a construção de infraestrutura e a reorganização do espaço. Embora a produção tenha sido interrompida no início da década de 1990, os vestígios dessa atividade ainda estão presentes, materializados em estruturas abandonadas, memórias coletivas e na própria relação dos antigos salineiros com o ambiente que um dia sustentou suas vidas. (ANTONIO AMARAL, 2018)

Dante disso, este artigo propõe uma reflexão sobre a Ilha de Igoronhon como uma paisagem cultural, tomando como referência os conceitos de paisagem e paisagem cultural discutidos na literatura acadêmica e nas diretrizes estabelecidas pela UNESCO.

Entre o Vento e o Sal: A Persistência da Paisagem Cultural

O conceito de paisagem cultural, suas definições e sua ampla abrangência têm sido objeto de intenso debate nas últimas décadas. Embora suas raízes estejam em estudos anteriores, sua sistematização como categoria de análise na geografia consolidou-se ao longo do século XX (CARVALHO & MARQUES, 2019; ARAÚJO, 2009; NOR, 2013; WEISSHEIMER, 2012; PEREIRA, 2018).

Este conceito está vinculado às ciências humanas e à sua relação com o espaço geográfico, enfatizando o desenvolvimento das sociedades na transformação da paisagem. Além da materialidade evidenciada por vestígios físicos, a paisagem cultural também abrange dimensões imateriais, que envolvem significações, práticas e percepções atribuídas aos lugares ao longo do tempo, estando intrinsecamente relacionada ao patrimônio cultural (NOR, 2013).

Carl Sauer (1997), iniciando essa discussão no campo geográfico, introduz a ideia de paisagem cultural como um produto da interação entre o homem e a natureza. Ele argumenta que toda paisagem é, de certa forma, uma paisagem cultural, resultante das atividades humanas ao longo do tempo.

Bradley (2000), argumenta que mesmo paisagens aparentemente não modificadas podem ser consideradas culturais, pois carregam significados simbólicos atribuídos pelas comunidades humanas que as utilizam. Essas paisagens são transformadas por apropriações de

caráter mitológico, territorial ou outros, que conferem às unidades elementares do espaço um valor delimitador e cultural, segundo o autor.

Fagundes (2009), aborda que “o manejo da paisagem abrange questões que extrapolam as condições adaptativas e de subsistência, relacionado aos aspectos de ordem cognitiva, ao apego sentimental ao lugar, às escolhas/ estratégias, políticas ou ritualística, enfim faz parte de uma rede de significação infinita.”

Ab'Saber (2003), notório geógrafo brasileiro, argumenta que a paisagem resulta de processos fisiográficos e biológicos de longa duração, os quais influenciam aspectos como relevo, clima, hidrografia e vegetação. Além de sua dimensão natural, a paisagem constitui um patrimônio coletivo, herdado historicamente pelos povos que a utilizam como base para suas comunidades e modos de vida. (AB'SABER, 2003).

No que se refere à temporalidade histórica da paisagem cultural, Santos (2012) conceitua esse aspecto como “rugosidades”, isto é, as marcas impressas no espaço geográfico pelas ações humanas ao longo do tempo. Essas rugosidades representam registros das atividades, dos hábitos, das tecnologias e das manifestações culturais das sociedades que constituem o espaço. Assim, a paisagem pode indicar distintos momentos da produção do espaço, acumulando temporalidades que se reconfiguram constantemente em resposta às transformações sociais.

3

Scifoni e Nascimento (2010) destacam que a natureza fornece a matéria-prima a partir da qual as sociedades constroem sua realidade, promovendo modificações e adaptações nessa base natural. Entretanto, ainda que a paisagem seja um produto da ação humana, os elementos naturais permanecem presentes, mesmo quando não são imediatamente perceptíveis. Este conceito está mais voltado a paisagens urbanas intensamente modificadas.

Ribeiro (2007) observa que a paisagem é impregnada de valores humanos e simbólicos, podendo ser compreendida por meio das conexões afetivas e culturais estabelecidas pelos grupos sociais com os lugares em que vivem. Dessa perspectiva, a identidade da paisagem não se restringe apenas às suas formas visíveis, mas também aos significados que as comunidades lhe atribuem ao longo do tempo. (RIBEIRO, 2007; UNESCO 2012).

Os autores citados, adotam uma perspectiva integrada da paisagem, sendo um produto da interação entre elementos naturais e humanos. Sendo a paisagem uma “matéria prima” que é modificada pelas práticas humanas. (AB'SABER, 2003; SANTOS, 2012; SCIFONI E NASCIMENTO, 2015; RIBEIRO, 2007)

Em termo jurisdicionais a UNESCO (2012) classifica as paisagens culturais em três categorias principais:

- Paisagens criadas intencionalmente pelo homem: São aquelas desenvolvidas deliberadamente para atender a funções sociais, econômicas e estéticas específicas, como jardins históricos e parques, que possuem valor cultural significativo devido à sua concepção planejada e manutenção contínua
- Paisagens evolutivas: Estas podem ser divididas em duas subcategorias:
 - Paisagens relíquia (ou fossilizadas): São aquelas em que a evolução cessou, mas os vestígios históricos ainda são visíveis e contribuem para a identidade do local.
 - Paisagens vivas: Continuam a desempenhar funções sociais ativas, adaptando-se às necessidades contemporâneas, mas preservando elementos históricos que refletem a interação entre o ser humano e o ambiente.
- Paisagens associativas: Estão ligadas a elementos culturais, religiosos ou artísticos imateriais, cujos valores são mais simbólicos do que materiais. Essas paisagens são reconhecidas pelo significado atribuído a elas por comunidades e tradições culturais, mesmo que não apresentem grandes estruturas físicas.

Essa compreensão da paisagem como relação sociedade-natureza permite seguir um caminho metodológico para a análise da Ilha de Igoronhon sob a ótica de uma paisagem cultural. Dessa forma, este estudo, parte da hipótese, que a interação entre a dinâmica salineira, portuárias e as memórias dos trabalhadores possibilitam a compreensão deste espaço como um exemplo de paisagem cultural e que por fim, torna-se também um patrimônio cultural construído ao longo do tempo.

4

Salinas, um fruto do oceano na Paisagem Silenciosa da Ilha de Igoronhon

A formação natural de uma salina marinha ocorre a partir da interação de fatores ambientais de natureza marinha, como geomorfologia, oceanografia, clima, regime de ventos, que propiciam a existência de áreas planas que podem ser alagadas, de modo a ter condições favorecem a evaporação da água, levando à cristalização dos sais. Entretanto, a presença desses elementos naturais, por si só, não garante o desenvolvimento da atividade salineira em termos econômicos. Para que essa prática seja viável, torna-se indispensável o conhecimento técnico, que, em conjunto com as condições ambientais favoráveis, permite a exploração eficiente do sal. (FERNANDES *et. al*, 2023)

A produção de sal marinho é uma atividade que remonta desde a Antiguidade, tendo sido praticada por diferentes povos em distintos lugares do mundo desde que o ser humano passou a notar as utilidades dessa rocha sedimentar oriunda da evaporação da água do mar. Mas o sal não se limita apenas como tempero, mas suas utilidades para a conservação foram importantes para outras atividades. (KURLANSKY, 2011).

Segundo Costa (1993), as salinas são ecossistemas artificiais projetados para a extração de sal marinho. O termo “salinas” é o termo mais amplo e abrangente usado na literatura para descrever o local onde cristais de sal são produzidos a partir da evaporação da salmoura por meio de sistemas naturais ou artificiais. (COSTA, 1993; FELIPE 1983; DE ANDREADE, 2018).

As salinas, basicamente se consistem em uma série de tanques ou lagoas rasas que variam consideravelmente de tamanho podem ser menores ou maiores que 1 hectares, com profundidades variando entre 20 e 100 cm, interligados entre si. Nesse sistema, a água do mar ou de estuários é captada e transferida de um tanque para outro, processo que pode ocorrer tanto por gravidade quanto por meio de bombeamento. (FERNANDES *et. al.*, 2023).

Figura 1: Exemplo de uma salinha marinha e os tanques de decantação em Malta.



Fonte: Autor (2023)

Figura 2: Salina de saline di Trapani, Itália.



6

Disponível em: www.magna-sicilia.com (Acesso, 22 de outubro 2024)

Ao observarmos a atividade salineira no Brasil, percebe-se que a maior parte da produção de sal marinho está concentrada no litoral nordestino, em uma faixa costeira que se estende do Rio Grande do Norte ao Maranhão. Por outro lado, no Sudeste, mais especificamente em Araruama e Cabo Frio, no estado do Rio de Janeiro, a atividade salineira enfrenta limitações, uma vez que as condições naturais menos favoráveis reduzem sua competitividade em relação ao Nordeste (DINIZ & VASCONCELOS, 2016; DE ANDRADE, 1995).

O litoral nordestino do Brasil possui características geomorfológicas, marinhas e climáticas que favorecem a produção de sal, destacando-se em relação a outras regiões da costa brasileira. Segundo Tessler & Goya (2005 apud Santos, 2015), a amplitude das marés no Nordeste brasileiro pode ultrapassar quatro metros, permitindo a formação de extensas áreas intertidais. Essas áreas são submersas durante a maré alta e expostas na maré baixa, facilitando

a retenção de água salgada e sua subsequente evaporação (DINIZ & VASCONCELOS, 2016; JUNIOR, 1982).

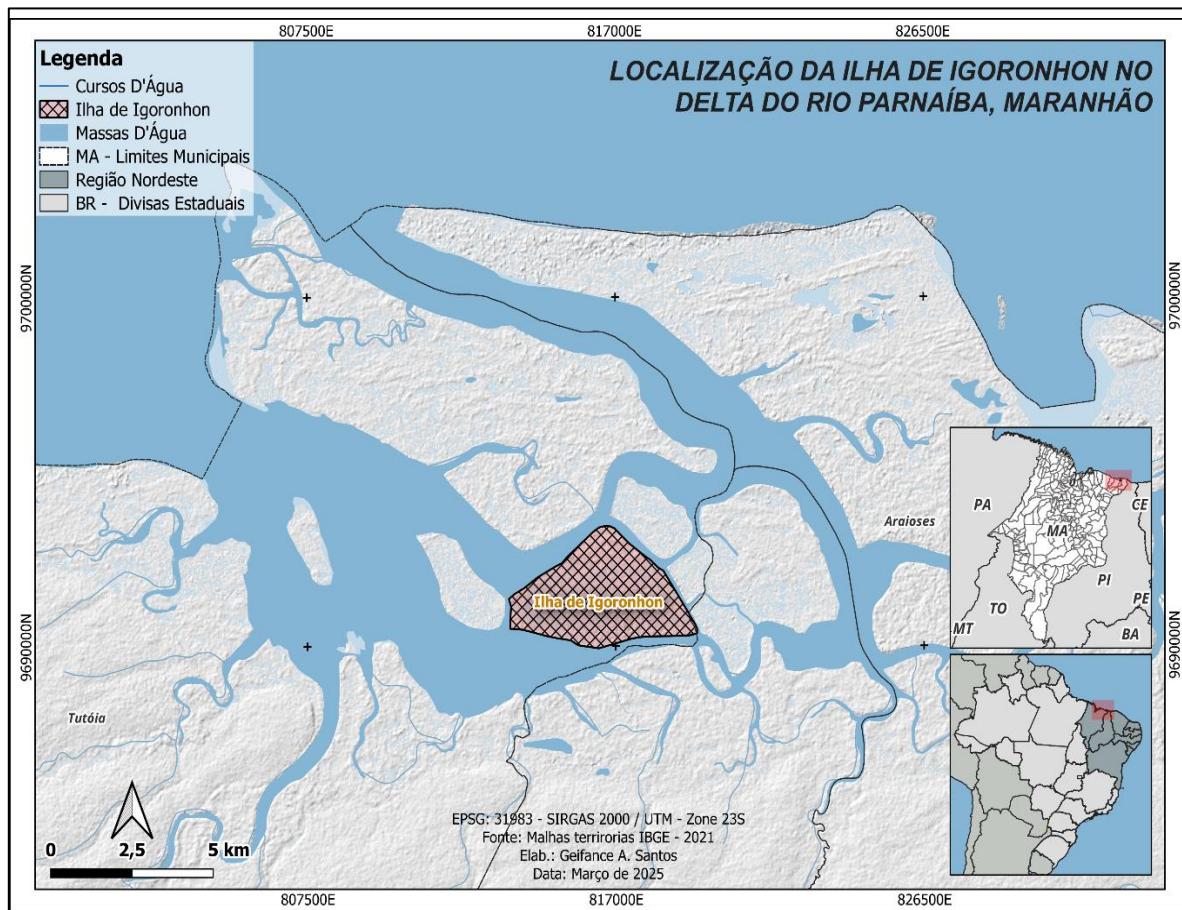
Além disso, o Nordeste brasileiro é caracterizado por planícies flúvio-marinhas e de vales de rios em forma de deltas, que são áreas produtoras ou com potencial para produção de sal marinho. (DE ANDRADE, 2018). Essas condições naturais propiciam a exploração econômica do sal, atividade que remonta ao período colonial, especificamente ao século XVI, quando as primeiras referências à extração e comercialização do sal na região foram documentadas (DINIZ & VASCONCELOS, 2016; DINIZ, 2015).

Nas últimas décadas, a produção salineira do Nordeste tem sido amplamente analisada, com ênfase predominante no Estado do Rio Grande do Norte, que se consolidou como o maior produtor de sal do Brasil. Em 2014, o estado foi responsável por aproximadamente 95% da produção nacional de sal marinho, resultado de investimentos significativos na modernização da atividade salineira (DE ANDRADE, 1995; JUNIOR 1982).

No entanto, durante a pesquisa bibliográfica, o Meio-Norte nordestino, onde se situa o litoral do Maranhão, dados sobre a atividade salineira do Maranhão são escassos, apresentando lacunas históricas no entendimento da evolução da atividade salineira maranhense. A Ilha de Igoronhon, localizada a aproximadamente 15 km do município de Tutóia no extremo oriental do delta do Rio Parnaíba, abrigou uma das mais expressivas salinas do Nordeste durante o século XX, consolidando-se como um dos principais polos de produção de sal maranhense em meados da década de 1960 a 1980 (CATANHEDÊ, 2005).

A seguir, apresenta-se a localização geográfica da Ilha de Igoronhon, destacando sua posição no contexto do Delta do Rio Parnaíba. O mapa permite visualizar sua inserção territorial e sua relação com as dinâmicas marinhas.

Mapa 1: Localização da Ilha de Igoronhon no Del do Rio Parnaíba



Fonte: Autor, 2024

A partir da década de 1960, o polo salineiro do Nordeste brasileiro experimentou um período de crescimento significativo, impulsionado pelo aumento da demanda e pela modernização das técnicas de extração. (DINIZ & VASCONCELOS, 2016). Na Ilha de Igoronhon, a atividade salineira alcançou grande relevância econômica, sendo um dos principais pontos de extração e escoamento do sal maranhense. (CATANHEDÊ, 2005).

No entanto, no início da década de 1990, a produção foi descontinuada, possivelmente devido a fatores como mudanças na logística de transporte, novas dinâmicas de mercado e questões ambientais, algo que ainda está sendo investigado.

Figura 3: Salina da Ilha de Igoronhon.



Disponível em: <https://lauroreiseamigos.blogspot.com/2011/03/galeria-de-fotos.html> (Aces. 20 de out. 2024)

Figura 4: Detalhe das Salinhas na Ilha de Igoronhon, possivelmente na década de 1980.

9



Disponível: <https://lauroreiseamigos.blogspot.com/2011/03/galeria-de-fotos.html> (Acesso, 20 de out. 2024)

Hoje, as marcas da atividade salineira permanecem visíveis na paisagem. As salinas, que requerem amplos espaços para sua operação, ainda conservam vestígios das suas extensas estruturas, como tanques de decantação, armazéns, valas de drenagem e infraestruturas portuárias em ruínas, que se destacam na paisagem do delta do rio Parnaíba (ANTONIO AMARAL, 2018)

Além das transformações físicas na paisagem, a atividade salineira na Ilha de Igoronhon exerceu uma influência significativa na dinâmica social, econômica e cultural da região, impactando, em especial, o município de Tutóia. Durante seu período de funcionamento, as salinas estruturaram modos de vida específicos, pautados nas práticas de extração e processamento do sal, nas relações de trabalho e nas interações sociais que se estabeleceram entre trabalhadores e comerciantes locais. (ANTONIO AMARAL, 2018)

Esse contexto contribuiu para a formação de uma identidade marcante, frequentemente associada aos chamados 'povos salineiros' ou 'povos do sal', cuja memória ainda persiste na cultura regional. Com o encerramento das atividades salineiras na década de 1990, muitos trabalhadores migraram para o município de Tutóia, onde passaram a atuar em novas frentes econômicas, preservando, no entanto, aspectos da identidade salineira em sua cultura e modos de vida. (ANTONIO AMARAL, 2018)

10

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O complexo portuário salineiro da Ilha de Igoronhon, no Maranhão, representa um exemplo de paisagem cultural, na qual a produção salineira, as navegações e as operações portuárias transformaram a paisagem natural ao longo do século XX, com a construção das salinas, armazéns e estruturas de escoamento, ao mesmo tempo em que influenciaram a organização social e econômica da região.

Nesse sentido, a Ilha de Igoronhon exemplifica um espaço onde a interação entre sociedade e ambiente natural resultou em uma paisagem transformada pela atividade salineira, cujos vestígios materiais ainda permanecem, carregando consigo uma memória cultural que persiste mesmo após o declínio da exploração do sal.

Com base nos preceitos teóricos discutidos e na classificação da UNESCO, a paisagem cultural da Ilha de Igoronhon pode ser enquadrada na categoria de "paisagem evolutiva relict", pois sua função econômica cessou, mas os elementos físicos que atestam sua antiga atividade

ainda são visíveis. Além disso, também apresenta características de "paisagem associativa", devido à forte ligação simbólica com os povos salineiros e sua identidade cultural".

Nessa categorização estabelecida pela UNESCO, a Ilha de Igoronhon não deve ser enquadrada em uma paisagem criada intencionalmente pelo homem, pois sua transformação não resultou de um planejamento com preocupações estéticas ou de ordenamento espacial deliberado, como ocorre em parques monumentais. Pelo contrário, sua estrutura territorial atual é o reflexo de um processo econômico que reconfigurou o espaço a partir das relações sociais de trabalho, em que o sal se constitui como o elemento central dessa dinâmica. Dessa forma, a Ilha de Igoronhon pode ser compreendida como uma paisagem cultural salineira, na qual a interação entre a natureza e a ação humana moldou mudaram a paisagem natural e estabeleceram uma identidade sociocultural das comunidades que ali viveram e trabalharam.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER. A.N. Os Domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas. 1^a edição. São Paulo. Ateliê, 2003.
- AMARAL, Antônio. *Blog Antônio Amaral*. 04 novembro 2018. Disponível em: <https://antonioadomaral.blogspot.com/search?q=igoronhon>. Acesso em: 15 set. 2024.
-
- ARAUJO, A. G. M. As geociências e suas implicações em teoria e método arqueológicos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, MAE/USP, ANAIS...* I Reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul, p. 35-46, 1999.
- ARAÚJO, Guilherme Maciel. Paisagem Cultural: um conceito inovador. *Paisagem cultural e sustentabilidade*. Belo Horizonte: IEDS/UFMG, p. 25-45, 2009.
- Bradley, R. (2000). *An Archaeology of Natural Places* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203630228>
- BRADLEY, R. *Archaeology of Natural Places*. London: Routledge, 2000.
- CANTANHÊDE, B., & Tutóia, C. (2005). *Gráfica e Editora Tema*. São Luís.
- CARVALHO JÚNIOR, J. V. de; FELIPE, J. L. A.; ESCÓSSIA, C. A. da. *Introdução à*
- CARVALHO, Raquel; MARQUES, Teresa. *A evolução do conceito de paisagem cultural*.
- CARVALHO, Raquel; MARQUES, Teresa. *A evolução do conceito de paisagem cultural*. GOT, *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n. 16, p. 81-98, 2019.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Paisagem cultural e sustentabilidade*. Editora UFMG, 2009.

DE ANDRADE, Manoel Correia. O território do sal: a exploração do sal marinho e a produção do espaço geográfico do Rio Grande do Norte. *Revista GeoInterações*, v. 2, n. 2, p. 71-104, 2018.

DINIZ, M. T. M. Condicionantes socioeconômicos e naturais para a produção de sal marinho no Brasil: as particularidades da principal região produtora. Fortaleza, 2013. 227f. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013

DINIZ, Marco Túlio Mendonça; VASCONCELOS, Fábio Perdigão; MARTINS, Márcia Barbosa. Inovação tecnológica na produção brasileira de sal marinho e as alterações sócioterritoriais dela decorrentes: uma análise sob a ótica da teoria do empreendedorismo de Schumpeter. *Sociedade & Natureza*, v. 27, n. 3, p. 421-437, 2015.

DO NASCIMENTO, Flávia Brito; SCIFONI, Simone. A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção: a experiência do Vale do Ribeira-SP. *Revista Cpc*, n. 10, p. 29-48, 2010.

DO NASCIMENTO, Flávia Brito; SCIFONI, Simone. Lugares de memória: trabalho, cotidiano e moradia. *Revista Memória em Rede*, v. 7, n. 13, p. 069-082, 2015.

FELIPE, J. L. A. Tecnologia capitalista nas salinas do Rio Grande do Norte, e a organização de novos espaços para salineiros desempregados. *Boletim Recifense de Geografia*. Recife: n. 3, p. 30-37, jul-set, 1980.

FERNANDES, Rogério Taygra Vasconcelos; FERNANDES, Raimunda Thycyana Vasconcelos (Org.). *Povo do sal: (re)conhecendo a atividade salineira artesanal do Rio Grande do Norte*. [livro eletrônico]. Mossoró, RN: Ed. dos Autores, 2023

12

GOT, Revista de Geografia e Ordenamento do Território, n. 16, p. 81-98, 2019.

KURLANSKY, Mark. Salt. Random House, 2011.

NÓR, Soraya. O lugar como imaterialidade da paisagem cultural. *Paisagem e Ambiente*, n. 32, p. 119-127, 2013.

PEREIRA, Danilo Celso. Paisagem como patrimônio: entre potencialidades e desafios para a implementação da Chancela da Paisagem Cultural Brasileira. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem cultural e patrimônio. Iphan, 2007.

SANTOS, Fernanda Barbosa Silva; MOREIRA, Ícaro Thiago Andrade. Viabilidade da maremotriz em algumas das regiões litorâneas do nordeste do Brasil. 2015.

Sauer, C. O. (1997). Geografia cultural. *Espaço e cultura*, (3), 1-7.

Sousa, F. C. O. (2007). A cidade e os homens das salinas. Associação Nacional de História (ANPUH), XXIV Simpósio Nacional de História.



TESSLER, M. G.; GOYA, S.C. Conditioning factors of coastal processes in the Brazilian Coastal Area. *Revista do Departamento de Geografia*, n. 17, São Paulo, 2005.

WEISSHEIMER, Maria Regina. Paisagem cultural brasileira: do conceito à prática. *Fórum Patrimônio, Belo Horizonte*, v. 5, n. 2, p. 1-17, 2012.

WEISSHEIMER, Maria Regina. Paisagem cultural brasileira: do conceito à prática. **Fórum Patrimônio, Belo Horizonte**, v. 5, n. 2, p. 1-17, 2012.